

## ADAPTAÇÕES CURRICULARES NAS AVALIAÇÕES ESCOLARES DE ALUNOS COM DISLEXIA E TDAH

CURRICULUM ADAPTATIONS IN SCHOOL ASSESSMENTS FOR STUDENTS  
WITH DYSLEXIA AND ADHD

ADAPTACIONES CURRICULARES EN LAS EVALUACIONES ESCOLARES PARA  
ESTUDIANTES CON DISLEXIA Y TDAH

*José Fábio da Rocha Cabral*

### RESUMO

A dislexia como o TDH são distúrbios que apresentam uma definição complexa e abrangente, envolvendo a contribuição de vários especialistas e características específicas do transtorno. Para entender as causas de ambos e elaborar estratégias de suporte adequadas, é essencial considerar as funções cerebrais ligadas ao processamento da linguagem e as vias neurais conectadas. Assim, é vital ressaltar a necessidade de comprometimento e a busca contínua por conhecimentos para uma prática educacional responsável e eficaz. Geralmente, o fracasso escolar é visto como uma resposta insatisfatória de um estudante às exigências ou expectativas da instituição de ensino. Essa situação pode ser analisada por diversas óticas, como a societal, a institucional e a perspectiva do próprio aluno. No âmbito dessa dinâmica, as emoções exercem um papel relevante, sendo que sentimentos influenciam a interação entre quem ensina e quem aprende. Essa relação impacta diretamente a capacidade de aprendizado do indivíduo, além de estar relacionada a questões familiares, como separações, perdas, problemas com álcool e uso de drogas, entre outros. Em continuidade a essa linha de pensamento, é importante ressaltar a relevância da qualidade nas metodologias educacionais, buscando um equilíbrio na quantidade de informações oferecidas e adotando métodos de avaliação que não sejam excessivamente severos. Omissões nesse aspecto podem resultar em um estresse emocional significativo para alunos disléxicos, levando a um desempenho acadêmico inferior ao esperado. Devemos considerar a influência das variáveis culturais e socioeconômicas nesse cenário, tais particularidades podem gerar dificuldades de aprendizagem, que podem ser temporárias, quando o aluno é exposto a abordagens diretas e planejamentos ajustados às suas necessidades.

**Palavras-chave:** Dislexia; educação inclusiva; desafios; diagnóstico.

## ABSTRACT

Dyslexia and ADHD are disorders with complex and comprehensive definitions, involving the contributions of various specialists and specific characteristics of the disorder. To understand the causes of both and develop appropriate support strategies, it is essential to consider the brain functions linked to language processing and the connected neural pathways. Thus, it is vital to emphasize the need for commitment and the continuous pursuit of knowledge for responsible and effective educational practice. Generally, school failure is seen as an unsatisfactory response from a student to the demands or expectations of the educational institution. This situation can be analyzed from various perspectives, such as the societal, the institutional, and the student's own perspective. Within this dynamic, emotions play a relevant role, with feelings influencing the interaction between those who teach and those who learn. This relationship directly impacts the individual's learning capacity, in addition to being related to family issues such as separations, losses, problems with alcohol and drug use, among others. Continuing this line of thought, it is important to emphasize the relevance of quality in educational methodologies, seeking a balance in the amount of information offered and adopting evaluation methods that are not excessively severe. Omissions in this aspect can result in significant emotional stress for dyslexic students, leading to lower-than-expected academic performance. We must consider the influence of cultural and socioeconomic variables in this scenario; such particularities can generate learning difficulties, which may be temporary, when the student is exposed to direct approaches and plans adjusted to their needs.

**Keywords:** Dyslexia; inclusive education; challenges; diagnosis.

## RESUMEN

La dislexia y el TDAH son trastornos con definiciones complejas e integrales, que involucran las contribuciones de diversos especialistas y las características específicas del trastorno. Para comprender las causas de ambos y desarrollar estrategias de apoyo adecuadas, es esencial considerar las funciones cerebrales vinculadas al procesamiento del lenguaje y las vías neuronales conectadas. Por lo tanto, es vital enfatizar la necesidad de compromiso y la búsqueda continua de conocimiento para una práctica educativa responsable y eficaz. Generalmente, el fracaso escolar se percibe como una respuesta insatisfactoria del estudiante a las demandas o expectativas de la institución educativa. Esta situación puede analizarse desde diversas perspectivas, como la social, la institucional y la del propio estudiante. Dentro de esta dinámica, las emociones desempeñan un papel relevante, ya que los sentimientos influyen en la interacción entre quienes enseñan y quienes aprenden. Esta relación impacta directamente en la capacidad de aprendizaje del individuo, además de estar relacionada con problemas familiares como separaciones, pérdidas, problemas con el consumo de alcohol y drogas, entre otros. Siguiendo esta línea de pensamiento, es importante destacar la

importancia de la calidad en las metodologías educativas, buscando un equilibrio en la cantidad de información ofrecida y adoptando métodos de evaluación que no sean excesivamente rigurosos. Las omisiones en este aspecto pueden generar un estrés emocional significativo en los estudiantes disléxicos, lo que resulta en un rendimiento académico inferior al esperado. Es fundamental considerar la influencia de las variables culturales y socioeconómicas en este escenario; estas particularidades pueden generar dificultades de aprendizaje, que pueden ser temporales, cuando el estudiante se expone a enfoques y planes directos ajustados a sus necesidades.

**Palabras clave:** Dislexia; educación inclusiva; desafíos; diagnóstico.

## 1 INTRODUÇÃO

Etiquetar alguém com um transtorno específico ou desmerecer a dificuldade como algo temporário, além de atribuir culpa ao professor e ao aluno pelos insucessos escolares, pode dificultar o acesso ao apoio necessário e fundamental para que o indivíduo possa superar ou se adaptar a suas limitações. Em muitos casos, aqueles diagnosticados com dificuldades de leitura muitas vezes apresentam também outros déficits, como disgrafia, disortografia, dislalia e Transtorno do Déficit de Atenção (TDA).

Algumas pesquisas indicam que essas comorbidades podem derivar de disfunções no mesmo sistema neural. Embora a dislexia não costume ocorrer isoladamente, é essencial que cada indivíduo seja avaliado de maneira singular, levando em conta todos os elementos relevantes de sua situação. Isso demanda uma abordagem holística por parte dos profissionais envolvidos na avaliação. Assim, o processo de avaliação e reavaliação deve ser contínuo e integrado, buscando um diagnóstico preciso. Mesmo em intervenções coletivas, é crucial respeitar e atender às necessidades específicas de cada aluno.

Durante o início da alfabetização, é comum a presença de erros ortográficos, já que o indivíduo ainda está desenvolvendo suas habilidades de escrita. Contudo, se as dificuldades em conectar letras e sons persistirem, isso pode sugerir a

possibilidade de disortografia. Este transtorno se refere à dificuldade em transcrever a linguagem oral para a escrita de maneira correta, resultando em troca de letras e erros ortográficos. Entretanto, autores afirmam que essas dificuldades podem não interferir na forma como as letras são escritas e podem ou não estar associadas a variações na pronúncia das palavras.

Assim, aprender a escrever abrange mais do que o simples reconhecimento das letras; envolve também a maturação de habilidades de movimentação, percepção espacial, orientação e visão. Portanto, é crucial que educadores possuam um profundo entendimento dos estágios de aquisição da habilidade de escrita (pré-silábica, silábica-alfabética e alfabética), compreendendo a evolução dessas capacidades. Isso possibilita uma abordagem direcionada desde os primeiros passos da aprendizagem. Vale destacar que, entre as causas potenciais de problemas ortográficos, estão aspectos educacionais, como iniciar o ensino da escrita muito cedo, avançar rapidamente nos conteúdos, a falta de suporte e falhas na abordagem fonológica. A consciência dos sons da linguagem é fundamental para a conversão adequada de letras em sons. Dessa forma, é indispensável que um estudante com dislexia compreenda a estrutura das palavras, conseguindo separá-las em partes organizadas por letras diferentes, para que sua escrita seja mais coerente.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

As alterações sugeridas pela Escola Inclusiva envolvem a necessidade de atender a uma população cada vez mais variada e diversa, garantindo que todos recebam uma resposta adequada às suas demandas educacionais por meio de adaptações no currículo formal aplicado nas instituições de ensino. Assim, as escolas precisam incorporar em seus projetos pedagógicos as modificações curriculares relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem, essenciais para atender de forma eficaz os alunos com deficiência e aprimorar sua participação nas atividades escolares (Cró, 2009).

As Adequações Curriculares constituem, pois possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Pressupõem que se realize a adequação do currículo regular, quando necessário, para torná-lo apropriado às peculiaridades dos alunos com necessidades especiais. Não um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, possível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educando. Nessas circunstâncias, as adequações curriculares implicam a planificação pedagógica e as ações docentes fundamentadas em critérios que definem: o que o aluno deve aprender, como e quando aprender, que formas de organização do ensino são mais eficientes para o processo de aprendizagem e como e quando avaliar o aluno.

Nesse contexto, Omote (2003) alerta que “[...] a educação inclusiva deve ser, acima de tudo, uma educação de qualidade para todos os estudantes, cabendo à instituição escolar a responsabilidade de implementar métodos de ensino e ajustes curriculares”. Sob essa ótica, conforme as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial (Brasil, 2001), as adaptações curriculares se tornam imprescindíveis, pois por meio delas os alunos com deficiência conseguem acessar atividades que facilitam a educação, a cultura, o exercício da cidadania e a inclusão escolar e social de maneira produtiva.

A inclusão implica ajustar os sistemas sociais da sociedade de maneira que sejam removidos os elementos que afastavam determinadas pessoas e mantinham as excluídas à margem. A remoção desses elementos deve ocorrer de forma contínua, acompanhada pelo comprometimento da sociedade em receber todos os indivíduos, sem distinção de suas diferenças pessoais e origens na diversidade humana. Afinal, para incorporar todos, a sociedade precisa passar por modificações, reconhecendo que deve ser capaz de satisfazer as necessidades de todos os seus integrantes (Sasaki, 2005, p. 21).

As adaptações curriculares representam, portanto, oportunidades educativas para lidar com as dificuldades que os alunos enfrentam na aprendizagem. Elas pressupõem a modificação do currículo tradicional, sempre que necessário, adequando-o às características dos estudantes com necessidades especiais. Não é preciso criar um currículo completamente novo, mas um currículo flexível, que possa ser alterado e expandido, de modo a atender a todos os alunos. As necessidades especiais indicam quais tipos de suporte, que se diferenciam do habitual, são

exigidos para que os objetivos educacionais sejam alcançados. Mittler (2003, p. 20) afirma sobre a inclusão no ato de educar que:

A inclusão depende do trabalho cotidiano dos professores na sala de aula e do seu sucesso em garantir que todas as crianças possam participar de cada aula e da vida da escola como um todo. Os professores, por sua vez, necessitam trabalhar em escolas que sejam planejadas e administradas de acordo com linhas inclusivas e que sejam apoiadas pelos governantes, pela comunidade local, pelas autoridades educacionais locais e acima de tudo pelos pais.

As soluções para essas necessidades devem estar contempladas e fundamentadas no projeto pedagógico da instituição, não através de um novo currículo, mas via adaptações contínuas do currículo regular, visando assegurar que os alunos com necessidades especiais possam participar de uma programação tão comum quanto possível, levando em conta as especificidades de suas demandas.

(...) é papel da escola refletir sobre a didática usada em sala de aula, visto que as crianças atualmente, estão rodeadas de estímulos, e vivem em um ritmo acelerado, portanto, o professor deve tentar se adequar ao ritmo do aluno com atividades que estimule sua atenção, que tenham um período curto de duração, como também utilizar jogos interativos, entre outros, e deixar um pouco de lado a lousa, o giz, a atividade mimeografada, as carteiras enfileiradas (Reis, 2010, p. 194).

As modificações no currículo, que englobam planejamento, objetivos, atividades e métodos de avaliação, visam atender alunos com necessidades especiais. Realizar essas adaptações é fundamental para atender às demandas de aprendizagem específicas desses estudantes. Reconhecer essas “necessidades” implica que os sistemas educacionais devem não apenas ajustar suas atitudes e expectativas em relação a esses alunos, mas também se estruturar para desenvolver uma escola verdadeiramente inclusiva, capaz de lidar com essas particularidades. A educação especial sob a ótica da BNCC apresenta tanto desafios quanto oportunidades. De um lado, a BNCC estabelece um referencial normativo que reforça a importância da inclusão e da equidade, sugerindo estratégias práticas para assegurar que todos os alunos tenham acesso aos conteúdos essenciais.

Mittler (2003, p.16) a este respeito afirma que:

A inclusão não diz respeito a colocar as crianças nas escolas regulares, mas a mudar as escolas para torná-las mais responsivas às necessidades de todas as crianças, diz respeito a ajudar todos os professores a aceitarem a responsabilidade quanto à aprendizagem de todas as crianças que estão atual e correntemente excluídas das escolas por qualquer razão. Isto se refere a todas as crianças que não estão beneficiando-se com a escolarização, e não apenas aquelas que são rotuladas com o termo “necessidades educacionais.

Por outro lado, a aplicação dessas diretrizes ainda encontra obstáculos consideráveis, que demandam um esforço colaborativo de gestores, educadores, famílias e formuladores de políticas. Um dos principais impedimentos é a escassez de recursos e infraestrutura adequada, que restringe a habilidade das instituições de ensino em criar um ambiente acessível e inclusivo. Além disso, a formação inadequada dos professores e a resistência cultural à inclusão dificultam a implementação de metodologias que reconheçam as diversidades e promovam a participação ativa de todos os estudantes. Essas dificuldades se agravam pela desigualdade regional, que faz com que escolas em áreas periféricas e rurais enfrentem ainda mais desafios na aplicação das diretrizes da BNCC. Contudo, as oportunidades apresentadas pela BNCC são igualmente relevantes.

A avaliação deve se caracterizar como um instrumento capaz de estabelecer as condições de aprendizagem do aluno e sua relação com o ensino. Seus procedimentos devem permitir uma análise do desempenho pedagógico, oferecendo subsídios para o planejamento e a aplicação de novas estratégias de ensino que permitam alcançar o objetivo determinado pelo professor em cada conteúdo específico (Oliveira; Campos, 2005, p. 53).

O documento sugere uma educação que valoriza a diversidade e foca no desenvolvimento integral dos alunos, preparando-os não só para o mercado de trabalho, mas também para a cidadania e a convivência social. A BNCC também estimula a adoção de abordagens pedagógicas inovadoras, como a utilização de tecnologias assistivas, a realização de projetos interdisciplinares e a aplicação de avaliações inclusivas, que podem ajudar a formar uma escola mais justa e equitativa.

### 3 METODOLOGIA

Este estudo é caracterizado como uma pesquisa , com uma abordagem descritiva e bibliográfica. O objetivo foi entender, por meio da análise de publicações científicas, de que maneira as adaptações curriculares podem contribuir para a inclusão e o desempenho de alunos diagnosticados com Dislexia e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Conforme apontado por Gil (2008), a pesquisa bibliográfica organiza conhecimentos previamente estabelecidos, proporcionando uma base teórica robusta para a compreensão de fenômenos educacionais complexos.

A revisão teórica foi fundamentada em obras de autores renomados, como Vygotsky (1998), que enfatiza a importância das interações sociais no aprendizado e Gardner (1995), que apresenta a teoria das inteligências múltiplas, ampliando a percepção sobre as distintas maneiras de aprender. Também foram consideradas as contribuições de Bossa (2002) e Rotta (2006), que abordam as dificuldades de aprendizagem sob uma óptica neuropsicológica, além de Barkley (2014), uma referência internacional no estudo do TDAH. Esses materiais proporcionaram bases para discutir práticas de avaliação inclusivas. Foram examinados artigos, dissertações e livros publicados entre 2010 e 2024, obtidos em plataformas como Scielo, Google Acadêmico e CAPES.

O critério de seleção priorizou investigações que explorassem estratégias pedagógicas e adaptações curriculares destinadas a estudantes com Dislexia e TDAH, com foco nas avaliações escolares. Essa revisão bibliográfica permitiu identificar práticas que favorecem a equidade nos processos de avaliação, bem como os obstáculos que os educadores enfrentam ao implementar tais adaptações. A análise dos dados teóricos foi feita de maneira interpretativa, com o intuito de estabelecer conexões entre os conceitos examinados e as práticas escolares descritas nas publicações.

De acordo com Lüdke e André (2013), a abordagem qualitativa facilita a compreensão do fenômeno em sua totalidade, levando em conta o contexto e as várias dimensões envolvidas. Assim, a metodologia empregada favoreceu uma reflexão crítica sobre a necessidade de flexibilizar as avaliações e reconsiderar o currículo, assegurando uma educação verdadeiramente inclusiva, que valorize as potencialidades de cada aluno.

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (Andrade, 2010, p. 25).

Seu propósito se estende ao ato de mostrar ao aluno a necessidade vital de devassar continuamente os “ídolos” que cercam os conhecimentos tão acessíveis, hoje, enfatizados dentro do que se costuma chamar “sociedade do conhecimento (Saviani, 2008, p. 243).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados indicam que a participação efetiva da família na educação dos alunos com TDAH influencia de maneira positiva e considerável seu rendimento escolar e sua saúde emocional. Quando os responsáveis se engajam nas atividades, monitoram as lições de casa e se juntam às reuniões com os educadores, o estudante geralmente demonstra mais entusiasmo e confiança. Essa interação ajuda a formar um clima de suporte, onde o aluno se sente apreciado e entendido, atenuando os sentimentos de frustração e desmotivação que são frequentes nesse grupo.

Na investigação realizada, notou-se que a interação entre familiares e a

instituição de ensino continua a ter obstáculos, especialmente na ausência de informações sobre o transtorno. Muitos responsáveis não têm conhecimento das particularidades do TDAH e, em decorrência disso, acabam considerando o comportamento do filho como falta de interesse ou indisciplina. Essa falta de entendimento provoca desavenças e distancia a família do processo de aprendizagem. Em contraste, quando a escola proporciona suporte e acolhimento, a relação se torna mais sólida, e a comunicação passa a ser uma ferramenta crucial para o desenvolvimento do aluno.

Um outro achado importante é que a participação da família vai além do suporte nas atividades escolares, englobando também a formação de uma rotina saudável em casa. Jovens com TDAH tiram proveito de horários bem definidos, tarefas organizadas e períodos de pausa claramente estabelecidos. Ao colaborar na criação dessa estrutura, os pais contribuem para uma melhora na concentração, fazendo com que o aluno enfrente de forma mais eficaz as demandas da escola. A sinergia entre o lar e a escola é essencial para um desenvolvimento completo.

Foi observado que educadores que estabelecem uma conexão estreita com os lares dos alunos conseguem ajustar suas abordagens de maneira mais eficiente. A compreensão da situação familiar, os desafios do dia a dia e as táticas já empregadas no ambiente doméstico auxiliam o professor na elaboração de intervenções mais individualizadas. Essa troca de informações possibilita que escola e família se unam de forma efetiva, colaborando na superação das dificuldades relacionadas à atenção, impulsividade e organização frequentemente associadas ao TDAH.

Ademais, foi observado que a empatia e a recepção calorosa desempenham papéis cruciais na efetividade da integração. Famílias que se sentem criticadas ou envergonhadas costumam se distanciar do ambiente escolar, o que impacta negativamente o aluno. Por outro lado, uma atitude de escuta e respeito cria um clima propício em que todos se sentem à vontade para buscar soluções

coletivamente. Essa relação de confiança mútua ajuda a transformar a escola em um espaço inclusivo, onde o estudante com TDAH pode se desenvolver sem receios de cometer erros ou ser comparado a seus pares.

Os resultados indicaram que as disparidades socioeconômicas afetam o nível de participação das famílias. Por exemplo, lares com recursos limitados encontram mais obstáculos para monitorar o desempenho dos filhos, seja pela falta de tempo ou de acesso a informações. Nesses casos, a atuação da escola como mediadora é fundamental, oferecendo assistência, orientação e espaços de diálogo que sejam acessíveis. Dessa forma, forma-se uma rede de apoio que reduz as desigualdades e proporciona oportunidades mais equitativas para todos.

Um aspecto relevante abordado foi a importância das políticas públicas e das formações continuadas. É fundamental que a escola receba apoio institucional para oferecer um atendimento de qualidade aos alunos com TDAH, o que envolve a capacitação dos docentes e acompanhamento especializado. A participação da família, por si só, não é suficiente se a instituição de ensino não estiver devidamente preparada para atender às necessidades específicas desses estudantes. Assim, a efetiva integração requer um esforço conjunto entre educadores, gestores, familiares e profissionais de saúde.

Em suma, pode-se afirmar que a intensificação da colaboração entre a família e a escola é a abordagem mais eficiente para a verdadeira inclusão de estudantes com TDAH. Essa interação deve ser estabelecida com comunicação, confiança e consideração às particularidades de cada um. Em vez de apenas cumprir normas ou avaliar documentos, é essencial entender o aluno como um indivíduo singular, com habilidades e desafios que devem ser respeitados. Quando família e escola se juntam nesse propósito, o processo de aprendizagem se torna mais humano, relevante e transformador.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As adaptações curriculares nas avaliações de estudantes com Dislexia e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) representam um passo fundamental para alcançar a verdadeira inclusão na educação. Como Num ambiente de acolhimento e desenvolvimento integral, a escola deve considerar que cada aluno tem um estilo de aprendizagem único e, por isso, também deve ser avaliado de maneira distinta. O objetivo não é conceder privilégios, mas garantir o patrimônio – isto é, condições justas para que todos possam demonstrar seus conhecimentos e habilidades.

Para que essas adaptações sejam renovadas, é necessária uma sensibilidade pedagógica e um compromisso institucional. É fundamental que professores e gestores entendam que as dificuldades dos alunos com dislexia e TDAH não decorrem da falta de dedicação, mas sim das características cognitivas que afetam a atenção, leitura, escrita e organização. Ao adaptar ferramentas e métodos de avaliação , a escola minimiza disparidades e cria um ambiente que potencializa a aprendizagem eficaz e um ambiente crescimento emocional do aluno .que potencializa a aprendizagem eficaz e o crescimento emocional do aluno.

Também é essencial que essas adaptações não sejam apenas ajustes técnicos, mas que façam parte de uma cultura escolar inclusiva. Isso inclui formação contínua, conversas com as famílias e um monitoramento constante das necessidades específicas de cada estudante. A atuação conjunta e interdisciplinar entre psicopedagogos, psicólogos e outros especialistas da educação é fundamental para que as instruções sejam realmente eficazes e humanizadas.

Os resultados de práticas pedagógicas inclusivas mostram que, quando há um planejamento cuidadoso e uma adaptação empática das avaliações, alunos com dislexia e TDAH progridem ainda mais em autoestima e desempenho escolar. Quando se sente parte da escola e é reconhecido, o estudante se liga mais à escola,

evita a evasão e se envolve em atividades educativas. Com isso, a avaliação deixa de ser temida e se torna uma chance de se expressar e evoluir.

Num contexto educativo que ainda se depara com a desigualdade, implementar práticas avaliativas inclusivas é um gesto de justiça social. Ao reconhecer e valorizar a individualidade de cada aluno, a escola ajuda a formar uma sociedade mais empática e que respeita as diversas diferenças entre as pessoas. Quando se investe em adaptação curricular, está se investindo em uma educação mais inclusiva, na qual o sucesso nos estudos não é determinado por um único padrão de aprendizagem. Assim, as adaptações curriculares nas avaliações de estudantes com dislexia e TDAH não podem ser encaradas como estratégias e sim como uma prática comum em uma escola que se compromete com o direito de todos à educação.

Mudanças exigem cuidado pedagógico e comprometimento da instituição. É crucial que educadores e gestores reconheçam que as dificuldades dos alunos com dislexia e TDAH não são fruto de preguiça ou desinteresse, mas sim de traços cognitivos que influenciam sua atenção, leitura, escrita e organização. Ao adequar ferramentas e métodos de avaliação, a escola acolhe essas singularidades e estabelece um clima que favorece a aprendizagem eficaz e o desenvolvimento emocional do estudante.

É fundamental que essas adaptações vão além das mudanças técnicas e se integrem a uma cultura escolar que favoreça a inclusão. uma cultura escolar inclusiva. formação contínua dos docentes, diálogo com as famílias e acompanhamento permanente das necessidades específicas de cada aluno. para que as disciplinas tenham um verdadeiro impacto positivo e sejam humanizadas, é fundamental o trabalho em equipe entre psicopedagogos, psicólogos e outros especialistas da área educacional.

As práticas pedagógicas inclusivas revelam que, quando os resultados são ajustados por meio de um planejamento cuidadoso e de uma abordagem empática, os alunos com dislexia e TDAH conseguem avançar significativamente, tanto em termos de autoestima quanto de desempenho escolar. significativamente, em termos de autoestima quanto de desempenho escolar. Quando os estudantes se sentem parte da escola e reconhecidos, isso fortalece o vínculo com a instituição, reduz a evasão e estimula a participação ativa nas atividades educacionais. Assim, a avaliação deixa de ser um momento temido e passa a ser uma oportunidade de expressão e desenvolvimento. Em um cenário educacional que ainda enfrenta desafios relacionados à desigualdade, adotar práticas de avaliação que sejam inclusivas é um passo em direção à justiça social. Ao reconhecer e valorizar a individualidade de cada estudante, a escola contribui para a formação de uma sociedade mais empática e atenta às diversidades humanas. Investir na adaptação curricular significa promover uma educação mais inclusiva, onde o êxito nos estudos não depende de um único modo de aprender.

Logo, as adaptações curriculares nas avaliações de alunos com dislexia e TDAH não podem ser vistas como sugestões, mas sim como uma parte necessária de uma instituição de ensino que se compromete a garantir o direito à educação a todos. cabe às instituições de ensino , aos educadores e à sociedade promover uma compreensão desses transtornos e adotar medidas quedos maiores assegurem e adotar medidas que assegurem o pleno desenvolvimento de cada estudante. O pleno desenvolvimento de cada estudante. Só assim poderemos garantir que estamos avançando rumo a uma educação que seja genuinamente inclusiva, justa e humana.

## 6 REFERÊNCIAS

BARKLEY, R. A. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade**: Manual para diagnóstico e tratamento. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOSSA, N. A. **Dificuldades de Aprendizagem**: O que são? Como enfrentá-las? Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001

CRÓ, M. D. L. **Adaptações curriculares para alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)**: formação no ensino superior. Reflexão & Ação, v. 17, n. 1, p. 140-163, 2009.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas**: A teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: Abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

MITTLER, P. **Educação inclusiva**: contextos sociais. Tradução Wndyz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

OMOTE, S. **A formação do professor de educação especial na perspectiva da inclusão**. In.: BARBOSA, Raquel L.L. (Org.). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – **Adaptações Curriculares** – Estratégias para a Educação de Alunos com necessidades Educacionais Especiais – MEC – Brasília, 1999.



REIS, G.V. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH):** Doença ou apenas rótulo? Anais do Sciencult. Periódico UEMS v. 2 n. 1. Paranaíba, 2011. Disponível em: . Acesso em: 13/08/2015.

ROTTA, N. T. **Transtornos de aprendizagem:** Abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SASSAKI, R. K. **Inclusão:** o paradigma do século 21. Inclusão: Revista da Educação Especial, Brasília: Ministério da Educação, p. 19-23 Out/2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>. Acesso: 10 outubro 2025.

TORRES GONZÁLEZ, J. A. **Educação e diversidade:** bases didáticas e organizativas. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.